

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT17.002](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT17.002)

APROXIMAÇÕES ENTRE A LITERATURA SURDA E ELEMENTOS DA OBRA “A VIDA ÍNTIMA DE LAURA”, DE CLARICE LISPECTOR

MARIA MÁRCIA FERNANDES DE AZEVEDO

Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). maria.azevedo@ufersa.edu.br.

RESUMO

Esta pesquisa é um recorte da dissertação intitulada “Identidades surdas e cultura surda e suas representações sociais na obra A vida íntima de Laura, de Clarice Lispector”. Insere-se no campo dos Estudos Literários em intersecção com os Estudos Surdos, a partir de autores como Mourão (2011, 2016), Machado (2013) e Sutton-Spence (2006). No contexto da literatura surda, partimos da ideia de que as obras literárias e artísticas em língua de sinais são artefatos culturais importantes e que, por meio delas, é possível ensinar sobre as identidades, a comunidade e a cultura surdas, pois tais obras registram diversas manifestações, valores e hábitos. Identificamos que as ilustrações e a narrativa em A vida íntima de Laura de Clarice Lispector dão ênfase ao corpo da personagem Laura, que manifesta uma condição física tida como defeituosa perante as demais personagens. Assim como Laura, as pessoas surdas passam por estigmatização e diversas dificuldades. Buscou-se, então, aproximações entre a obra de Clarice Lispector e as experiências das pessoas surdas usando obras literárias e ilustrações do escopo da cultura surda. Para contrapor a estigmatização e o desconhecimento, apresentamos o florescimento da cultura surda por meio da arte surda, representada pelo “orgulho surdo” em obras como as da artista surda Kilma Coutinho. A representação das mãos e de outros elementos nas obras evidencia as possibilidades da língua de sinais e da experiência em comunidade possibilitada pela mediação da língua de sinais, o que permite o uso da metáfora desta comunidade como uma grande floresta, que resiste, expressa-se e comunica-se pela visualidade das línguas de sinais, formando uma comunidade linguística diversa. A relevância deste trabalho está em estimular o

conhecimento e o respeito às línguas de sinais, principalmente, levando em conta as expressões artísticas e a literatura surda.

Palavras-chave: Literatura, Estudos Surdos, Identidade surda, Orgulho surdo, Língua de sinais.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte da dissertação que defendi em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, intitulada “Identidades surdas e cultura surda e suas representações sociais na obra A vida íntima de Laura, de Clarice Lispector”. O trabalho insere-se no campo dos Estudos Literários em intersecção com os Estudos Surdos, a partir de diferentes autores, como Mourão (2011, 2016), Machado (2013) e Sutton-Spence (2006).

Minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional convergem e me levam para caminhos que culminam na escrita da pesquisa que desenvolvi no mestrado, entretanto, a trajetória percorrida não foi linear, questões pessoais e subjetivas atuam no percurso. E toda a experiência adquirida ao longo de todos esses anos, cada local de trabalho e espaços de formação constituem a professora-pesquisadora que hoje sou.

Ainda criança, quando comecei a estudar, eu frequentava uma escola inclusiva. A professora era ouvinte e não sabia Língua Brasileira de Sinais (Libras), como de costume eram realizadas leituras dos clássicos da literatura infantil para os alunos. Eu me lembro do dia em que conhecemos o livro Os três porquinhos, em que a professora lia a história em português oral, mostrando as imagens do livro. As crianças ouvintes acompanhavam e entendiam a história, mas eu não. Sou surda e não acompanhava a contação da história como as crianças ouvintes, e com recorrência haviam barreiras linguísticas que não me permitiam estar incluída de fato. A partir do meu esforço e compreensão enquanto criança surda, entendia que a professora contava sobre três porquinhos que construíram diferentes casas para se protegerem do Lobo Mau.

Alguns anos se passaram, eu já era adolescente e conheci a Associação de Surdos da minha cidade (Fortaleza). Muitos surdos frequentavam esse espaço e todos sinalizavam, inclusive a professora, que também era surda e fluente em Libras. Um dia ela me convidou para participar das suas aulas. As estratégias visuais utilizadas no ensino facilitavam a aprendizagem, ela trouxe, em uma de suas aulas, a proposta de leitura de Os três porquinhos, história que eu conhecia apenas pelas imagens. A professora sinalizou em Libras toda a história, o que fez brilhar meus

olhos, estava surpreendida, os sinais construíram a narrativa em Libras. Naquele momento eu compreendi toda a história e me senti contemplada.

O espaço da Associação em Fortaleza que conheci na minha juventude, é especificamente a Associação dos Surdos do Ceará (ASCE), foi o local onde tive o primeiro contato com a comunidade surda fortalezense, no ano de 1994, interagindo com surdos de diferentes faixas etárias. O contato com a Libras possibilitou que eu me desenvolvesse como indivíduo social, principalmente pelas oportunidades de convivência em diferentes atividades, como desportivas e culturais, e participação em encontros, cursos e outros eventos que a ASCE promovia. Desde então, aprendi a usar a língua e cresci com isso, adquirindo conhecimentos diversos, que me possibilitaram chegar aonde me encontro atualmente, professora universitária, mestra e vivenciando um contínuo processo de aprendizagens¹.

Ao comparar essas duas experiências com o mesmo livro, pude perceber as diferenças entre a literatura e a Literatura Surda, cada uma possui características próprias. Por exemplo, o conto de fadas “Cinderela” foi adaptado para a cultura surda como “A Cinderela Surda”. No conto original, ela perde seus sapatinhos de cristal, já na adaptação suas luvas são perdidas e sem elas não é possível se comunicar usando as mãos, ou seja, falar em Libras.

A representação das pessoas surdas e da cultura surda na Literatura Surda estimula uma identificação e isso me fez perceber que eu poderia aprender mais através dela. Assim, me senti provocada a ser professora, ensinar aos jovens e adultos o que eu também havia aprendido. A literatura possibilita aprender sobre a cultura surda, acessar outras áreas do conhecimento, além de ser um conteúdo muito prazeroso de se consumir.

Nas minhas experiências na docência e práticas pedagógicas, a literatura sempre está presente, seja enquanto professora no Ensino superior, ou nas minhas experiências como professora de Libras como primeira língua - L1 na Educação básica, atuando com crianças e adolescentes. Mas, a partir da minha experiência como professora surda, observei que a maioria dos alunos surdos não se interessavam pelas histórias por causa das dificuldades em entender o português na forma escrita.

1 Como usuária de Libras como primeira língua e do português como segunda língua, minha pesquisa foi produzida em língua de sinais e utilizei serviços de tradução para o português escrito, assim como de revisão para ajustá-la à norma culta da língua. Além disso, contei com interpretação simultânea para a mediação durante as aulas e nas orientações no decorrer do Mestrado.

Nesse sentido, o presente trabalho é um recorte da pesquisa que realizei no âmbito do mestrado. Aqui viso analisar as aproximações entre as ilustrações e a narrativa em *A vida íntima de Laura* de Clarice Lispector com as experiências das pessoas surdas, ou seja, com as identidades surdas e a cultura surda, utilizando a obra literária *Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras*, de autoria de Maria Amin *et al.* publicado no ano de 2008 e ilustrações do escopo da cultura surda, principalmente, as da artista surda Kilma Coutinho. Isso é realizado a partir da perspectiva da autora da pesquisa, mulher surda sinalizante de Libras, motivada a investigar as produções culturais em Libras em interlocução com uma obra de Clarice Lispector.

Por que tratar de Literatura Surda? Porque ela incentiva o desenvolvimento cognitivo, artístico, e outros de quem a acessa. Na sociedade, que é majoritariamente falante de língua portuguesa, os textos são escritos predominantemente nessa língua, por conta disso, a comunidade ouvinte tem o privilégio de acessar mais informações, visto que encontram obras escritas em sua língua. E para o surdo, como se dá esse acesso se as obras literárias em Libras são insuficientes? Se dispõem de poucas publicações nessa língua, possivelmente haverá um prejuízo na aquisição da linguagem, por exemplo.

A literatura surda constitui-se das histórias que têm a Libras, a questão da identidade e da cultura surda presentes nas narrativas. [...] A literatura surda auxilia no conhecimento da língua e cultura para os surdos que ainda não têm acesso a elas. Para crianças surdas, a literatura surda é um meio de referência e também cria uma aproximação com a própria cultura e o aprendizado da sua primeira língua, que facilitará na construção de sua identidade. (Klein; Rosa, 2011, p. 94 apud Mourão, 2016, p. 25).

A Literatura Surda é, portanto, um artefato cultural e nela é possível expressar as representações sociais e registrar as manifestações, os valores, os hábitos e, principalmente, a historicidade das comunidades surdas brasileiras. Segundo Mourão (2016), a Literatura Surda é composta, predominantemente, por narrativas, poesias e piadas. Cada gênero textual citado é produzido na língua materna dos surdos, a língua de sinais, trazendo fortes características da visualidade. Facilitando a identificação com a literatura, principalmente, por serem produzidas em língua de sinais.

A obra de Clarice que escolhi, conforme imagem abaixo, conta a história da galinha Laura que, por ter uma diferença física no pescoço, passa por situações

em que é discriminada. A aproximação feita entre a história de Laura e a vida das pessoas surdas é que a surdez é vista como um problema no corpo, uma falta da capacidade de ouvir e, devido a isso, as pessoas surdas são discriminadas. São diversas as situações nas quais as pessoas surdas sofrem preconceito por serem percebidas diferentes.

Entende-se a correlação entre a história de Laura com a condição social dos surdos como minoria linguística, o que torna a obra relevante para discutirmos sua interlocução com a experiência de ser surdo/a, pois as crianças surdas, ao se identificarem com Laura, poderão interessar-se pela narrativa e despertar apreço pela literatura, estimulando, inclusive, o desenvolvimento na língua.

Para a organização da pesquisa escolhi os caminhos metodológicos que a caracterizam por uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório e explicativa. Corroborando com Nascimento-Schulze e Camargo (2000) as subjetividades, tanto da autora como dos pesquisados são estudados e são parte do processo de pesquisa. Quanto ao procedimento utilizado no trabalho, é classificada como documental, visto que se trata de uma investigação de uma determinada obra, especificamente, sobre a narrativa escrita associada as ilustrações de A vida íntima de Laura, da autora Clarice Lispector a fim de analisar e aproximar as representações presentes na narrativa daquelas experienciadas pelas pessoas surdas, presentes em obras da Literatura e Arte surda.

A Literatura e Arte Surda são de suma importância, agregam valor e conhecimento para a Comunidade Surda e são formas de expressões de uma cultura. Pessoas surdas são diferentes das pessoas ouvintes, por conta da sua experiência singular no mundo, dada a condição social em vivências linguísticas particulares e as expressões dessa cultura, deste modo de vida singular estimula, inclusive, o florescimento do "orgulho surdo".

Os gêneros e tipos textuais presentes na literatura, tais como narrativas, piadas e histórias constituem o "ser surdo" e fundamentam a Literatura Surda. Forte ferramenta de expressão e comunicação sinalizada e a modalidade viso-espacial da Libras aproxima crianças, jovens e adultos para o mundo literário, gera prazer e amplia o repertório cultural e literário das Comunidades Surdas, possibilitando também que pesquisas nessa área possam ser desenvolvidas.

Os estudos que discorrem a respeito da Literatura Surda têm crescido nos últimos anos no Brasil. Na contramão disso, as produções literárias em Libras, por sua vez, são escassas, ainda mais as obras em Libras, materiais indispensáveis

para a aquisição da linguagem das crianças surdas e para a ampliação da percepção de mundo delas.

METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte da dissertação que defendi em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, intitulada "Identidades surdas e cultura surda e suas representações sociais na obra *A vida íntima de Laura*, de Clarice Lispector". No Programa me vinculava à linha de pesquisa Ensino de Línguas e Artes e fui acompanhada pelo professor Dr. Ananias Agostinho da Silva, meu orientador, e pelo professor Dr. Fabiano Souto Rosa, como meu co-orientador pelo período dos anos de 2020 a 2022. É importante ressaltar que para a feitura do trabalho escrito contei com o serviço de tradução para o português escrito e revisão, visto que elaborei em Libras, minha primeira língua.

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e de cunho exploratório, corroborando com Nascimento-Schulze e Camargo (2000, p. 289) que afirma a necessidade de trabalhos abertos a complexidade da atualidade, pois nas pesquisas se "desenvolve delineamentos metodológicos que buscam ser suficientemente abertos para fazer justiça à complexidade dos temas atuais".

Associando "tanto a subjetividade do[a] pesquisador [a] quanto daqueles que são estudados, fazem parte do processo de pesquisa e nessa óptica, busca-se compreender o fenômeno no seu interior". (Nascimento-Schulze; Camargo, 2000, p. 289).

Além disso, de acordo com Gil (2002, p. 42), também é explicativa, visto que tem "como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas".

Quanto ao procedimento, a pesquisa é classificada como documental, por se tratar de uma investigação de uma determinada obra, especificamente, sobre a narrativa escrita associando as ilustrações da obra a fim de analisar e aproximar representações presentes na narrativa daquelas experienciadas pelas pessoas surdas, identificando elementos da cultura surda.

Listamos os procedimentos metodológicos, com base em Nascimento-Schulze e Camargo (2000), em quem nos baseamos para executar o presente estudo:

- A. Os princípios do delineamento da pesquisa: definimos o escopo da pesquisa, decidindo qual o objeto, o problema de pesquisa e os objetivos elencados. Também foi elencada a obra *A vida íntima de Laura* da autora Clarice Lispector a ser analisada (análise documental).
- B. A obtenção dos dados: após definir a obra, foi realizado um levantamento bibliográfico das publicações científicas relevantes que tratam sobre os conceitos de identidades, comunidade e cultura surdas, a fim de documentar as concepções discutidas por pesquisadores que se debruçam nestas temáticas e que fosse possível tecer aproximações com a Literatura Surda;
- C. A análise de dados: etapa que tem por objetivo analisar as ilustrações e narrativa escrita em *A vida íntima de Laura* em diálogo com o material selecionado sobre as experiências surdas, seja no plano identitário, social, cultural ou linguístico. Para isto, o material coletado em *A vida íntima de Laura* serão analisadas, servindo de “material textual como indicador das representações sociais”. (Nascimento-Schulze; Camargo, 2000, p. 292).

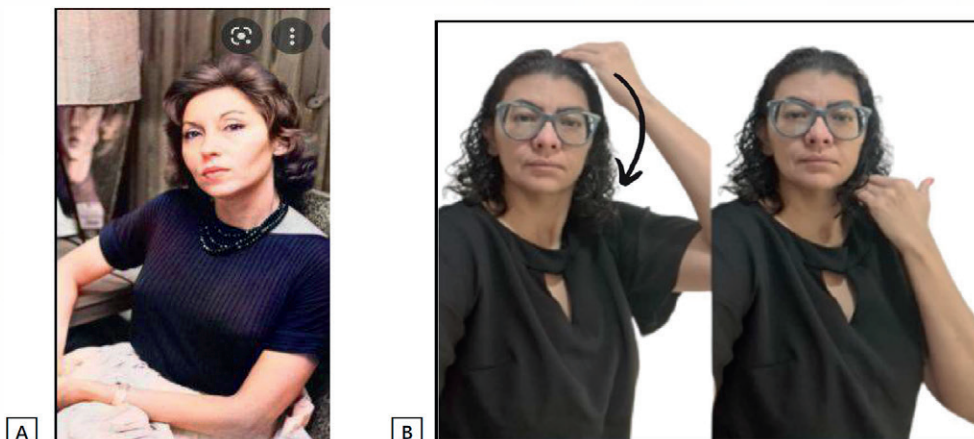
RESULTADOS E DISCUSSÃO

APRESENTAÇÃO DA OBRA E DA AUTORA

Para este trabalho, nos aproximamos um pouco da escritora Clarice Lispector. Na Figura abaixo, apresenta-se o sinal que foi atribuído à autora pela comunidade surda. O sinal foi pesquisado no YouTube² e foi encontrado dois vídeos em que seu sinal pessoal é apresentado, o que possibilita nomeá-la em Libras. Optou-se por usar o sinal que faz associação à imagem de Clarice, como mostra a Figura 2, que parecia o sinal com mais aplicabilidade a referência visual de seu cabelo curto.

2 Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/zDpGBjNd_dU. Acesso em: 12 jun. 2021.

Figura 1 – Sinal da autora Clarice Lispector



Fonte: A) RODRIGUES, 2020; B) Elaboração própria em 2022.

A vida íntima de Laura foi primeiramente publicada no ano de 1974 e reeditado algumas vezes. A publicação que uso para a presente análise foi lançada pela editora Rocco no ano de 1978 e ilustrada por Flor Opazo. A escolha por esta edição (a de capa amarela apresentada na Figura 3) se deu porque nela encontramos mais imagens que em outras. E a análise do texto juntamente com as imagens é primordial para o objetivo com este trabalho.

Figura 2 – Edições de A vida íntima de Laura



Fonte: Amazon, 2022.

Este livro conta a história de Laura, que é uma galinha de quem se diz ter “o pescoço mais feio que já vi no mundo”. O livro conta a vida cotidiana de Laura, que apresenta uma simplicidade, mas, no fundo, nem ela, nem sua história são comuns e incitam reflexões. Percebo Laura simpática, educada, pode parecer um defeito acharem seu pescoço feio e, devido a isso, considerá-la incapaz, mas apenas porque ela não tem penas no pescoço? Dentro ela se sente bonita e orgulhosa por sua família, casada com o galo Luís e mãe de um pintinho amarelinho. Abaixo apresentamos a imagem de Laura e o sinal que atribuímos à personagem.

Figura 3 – Sinal de Laura



Fonte: A) Lispector (1999); B) Elaboração própria em 2022.

O sinal foi criado por mim usando como referência a sua marca física característica, que é ter o pescoço com poucas penas. O sinal de Laura é realizado no pescoço, tem um primeiro movimento em que se toca o pescoço e então sai para o espaço neutro à frente, como mostra a Figura 4.

Ressalto a importância de que a personagem Laura e a autora Clarice Lispector tenham um sinal pessoal, visto que, na comunidade surda, é comum termos um sinal pessoal, que pode fazer referência a uma característica física, a um jeito particular e pessoal, podendo também relacionar-se com a primeira letra do nome da pessoa, e é utilizado como forma de nomeação. É importante, pois gera identificação para a criança surda que possa vir a ter contato com a obra.

PERSPECTIVAS SOBRE O CORPO “DIFERENTE”

Em um trecho, Lispector (1999, p.5) diz que Laura “[...] tem o pescoço mais feio que já vi no mundo. Mas você não se importa, não é? Porque o que vale mesmo é ser bonito por dentro.” A contradição observada neste trecho nos mostra a oposição entre uma condição física do corpo da Laura, característica natural – pois nasceu com esta particularidade, distinta das demais galinhas –, e a orientação seguinte na narrativa que traz a condição psicológica da personagem, ao argumentar que a beleza é aquela interior.

No contexto da vivência das pessoas surdas, em geral, há rejeição da sociedade ao que pode ser entendido como “o diferente” da maioria das pessoas, logo, o que é atípico, o que é minoria não é bem aceito, rechaçado, e por vezes apontado como “anormal”. Essa visão do corpo com defeito é recorrente na vida dos surdos, pois uma das primeiras ações de pais ouvintes, ao descobrirem que seu/sua filho/a é surdo/a, é a busca por aparelhos auditivos, cirurgias, terapia fonoaudiológica, dentre outros. Esses “tratamentos” priorizam a correção do corpo surdo, como se fosse defeito físico e precisasse ser consertado.

Santana e Bergamo (2005) explicam que a estigmatização dos surdos é histórica; considerados pela sociedade como sujeitos “inferiores” por conta da falta de linguagem “oral”, e o preconceito a respeito das línguas de sinais – tidas como mímica, gestos, reforçou a discriminação que esse grupo sofreu (e ainda sofre). Logo, defender a língua de sinais “[...] mais que significar uma autossuficiência [sic] e o direito de pertença a um mundo particular, parecem significar a proteção dos traços de humanidade, daquilo que faz um homem ser considerado homem: a linguagem” (Santana; Bergamo, 2005, p. 566).

Essa mudança de estatuto da surdez, de patologia para fenômeno social, vem acompanhada também de uma mudança de nomenclatura, não só terminológica, mas conceitual: de deficiente auditivo para surdo, ou ainda Surdo. Antes, os surdos eram considerados deficientes e a surdez era uma patologia incurável. Agora, eles passaram a ser “diferentes”. (Santana; Bergamo, 2005, p. 567).

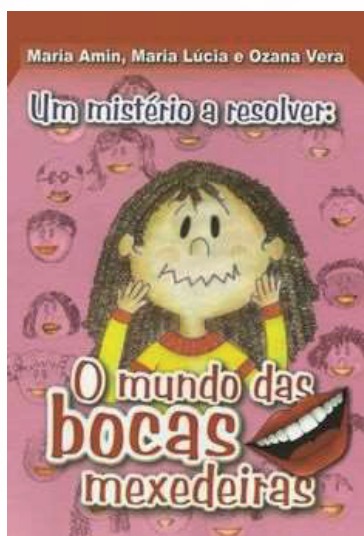
Como Skliar (1998) ressalta, o problema não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades surdas, não é a língua de sinais, mas sim as representações dominantes, hegemônicas e “ouvintistas” sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos. O corpo da Laura apontado como um corpo defeituoso

é característico da sociedade ouvinte em sua busca por normalizar o corpo surdo por meio de um imaginário construído pelo ouvintismo. No entanto, o corpo surdo e a cultura surda não são um problema em si, a língua de sinais representa a forma de se comunicar, de se expressar e é marca distintiva da cultura e identidade surda.

Se mudamos a perspectiva, o corpo ouvinte visto pela pessoa surda sinalizante, poderíamos dizer que a forma de comunicação oral não seria apenas uma “boca mexedeira”?

Como apresentado na interessante obra *Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras* (Figura 5), de autoria de Maria Amin *et al.* publicado no ano de 2008.³

Figura 4 – Livro “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”



Fonte: Amin *et al.* (2008).

Nessa história, Ana, menina surda de apenas 5 anos de idade que, por muito tempo, desconhece a comunidade surda e sua língua, convive com as pessoas ouvintes e não entendia nada simplesmente por não ouvir, ela apenas via bocas se mexendo, as “bocas mexedeiras”. Para Ana, ver a mãe ir à padaria ou ao mercado, mexer a boca e sair com o pão ou com outras compras era um mistério. Ela não entendia como, só

3 Traduzido para Libras e disponível na plataforma YouTube em: <https://youtu.be/kHjqd6y4E-U>. Acesso em: 2 fev. 2021.

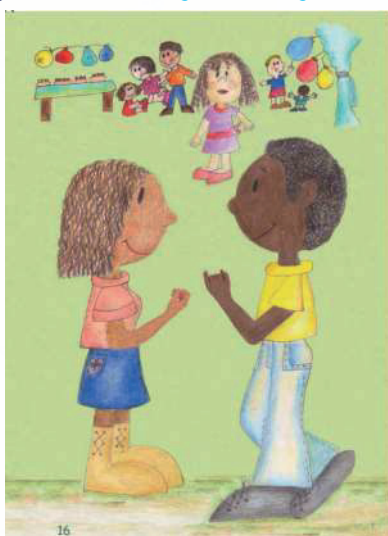
em mexer a boca, sua mãe conseguia e ela, ao imitar essa ação, não conseguia nem se fazer entender nem comprar o que queria. O mexer da boca que ela vê seu pai e sua mãe fazerem torna-se apenas movimento do corpo sem significação.

Podemos então refletir que esse livro nos apresenta outra perspectiva, que é a de uma criança surda, que estranha a forma de comunicação de pessoas ouvintes, visto que ela mesma ainda não tem entendimento de mundo por meio de uma língua, seja de modalidade oral ou visual. Na perspectiva da personagem Ana, o corpo ouvinte, ao oralizar a língua portuguesa por meio da boca, é visto, por esta ótica, como apenas uma boca se mexendo, sem significação linguística.

Ana, em meio às interações, vê as bocas se mexendo e se percebe sozinha, pois os outros possuem uma interação que ela nunca consegue acessar, mesmo que ela se esforce. Ela não sabe como mexer a boca mostrando o que tem a dizer e, ao mesmo tempo, não entende muito do que lhe ocorre nessas interações. Na escola, ela segue imitando o mexer a boca, mas continua sem compreender nem ser compreendida.

Até que um dia, Ana foi com seus pais para uma festa, lá, em meio a tantas pessoas, ela notou que um casal não mexia tanto a boca e sim as mãos e, além disso, parecia que eles estavam se entendendo. Ana chegando cada vez mais pertinho notou algo diferente. É assim que se dá seu primeiro contato com a língua de sinais como vemos na Figura abaixo.

Figura 5 – Ana interagindo em língua de sinais



Fonte: Amin *et al.* (2008).

A partir deste contato com a língua, o livro narra que Ana vai entender sobre a identidade surda, sobre formas de comunicação, por meio da língua de sinais e por meio da língua oral. Aquilo que antes ela não entendia, o mexer das bocas que não fazia sentido, começa a ser compreendido e, após este contato, ela tem a possibilidade de buscar aprender a língua de sinais, de se entender e entender sobre sua identidade surda.

A língua de sinais possibilita a Ana e a tantas crianças, jovens e adultos surdos um contato com um mundo que faça sentido; o contato com as comunidades surdas, o desenvolvimento da cultura e da identidade surda possibilitam entendimento e identificação de si como pessoa surda e com um grupo. Assim como Ana, o contato com a Libras também possibilitou que eu me desenvolvesse como indivíduo social.

A COMUNIDADE SURDA E OS FLORESCIMENTOS DE UMA CULTURA SURDA

Percebemos que a história Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras ilustra muito bem um momento crucial na vida da pessoa surda, que é quando crianças ou até adultos se descobrem e entendem a sua surdez ao se verem em contato com outras pessoas surdas sinalizantes. O livro nos apresenta Ana, que só entende o mistério das bocas mexedeiras ao ter contato com a língua de sinais. Ana passou anos sem entender, sem saber uma língua e isso, sabemos, gera prejuízos ao desenvolvimento das crianças.

Há então a necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível, ou seja, em contato com um adulto surdo, fluente em Libras, que será para essa criança o meio mais fácil de propiciar sua aquisição de língua. Nestas condições, adquirindo a Libras, ela se tornará capaz de significar o mundo. As experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não têm acesso à língua de sinais, para que esse se dê de forma rápida e eficiente, além de isso contribuir para a formação da identidade de pessoa surda desses sujeitos. (Dizeu; Caporali, 2005, p. 588).

A língua de sinais é um elo não apenas para a comunicação e expressão, mas compõe o sujeito surdo pertencente a uma comunidade de fala, que se entende, que

partilha saberes, dores, experiências. As pessoas surdas pertencentes à comunidade surda se reconhecem como falantes de uma mesma língua nacional, a Libras, e defendem a especificidade de sua cultura e forma de ver o mundo por meio da visualidade. Essa diferença é apresentada como característica que demarca um jeito de experienciar o mundo, a condição física referente ao mexer das bocas não é o relevante, mas o mexer das mãos, o movimentar do corpo que torna possível comunicar-se. Apesar de levar o nome de comunidade surda, não são apenas os surdos que a constituem, nela estão presentes pessoas ouvintes, intérpretes e tradutores de língua de sinais, profissionais da educação, dentre outros (Strobel, 2008). A comunidade surda é heterogênea, porém, há um ponto que aproxima todos que dela fazem parte: o uso da língua de sinais. Assim, a língua é o principal elo que une quem pertence a alguma comunidade surda. Portanto, esse vínculo com a língua e seu aprendizado vai além da comunicação por si só. É esse vínculo que cria o sentimento de pertencimento à comunidade surda.

Com as análises aqui desenvolvidas, abriu-se um caminho para elaborar interlocuções entre a narrativa escrita por Clarice Lispector e as identidades e cultura surdas, reforçando o posicionamento do orgulho surdo como elo entre estes elementos que compõem as raízes surdas. A história de Ana com as “as bocas mexedeiras”, as ilustrações de Kilma Coutinho são exemplos da cultura surda que se entrelaçam, Ana representa a criança surda em meio a sociedade ouvinte e seu encontro com a língua de sinais e a comunidade surda sinalizante e Kilma nos faz desfrutar de uma arte realizada por uma pessoa surda mostrando sua perspectiva surda, de suas feridas e de seu orgulho.

Na Figura 7 temos uma ilustração da artista surda Kilma Coutinho, percebemos que as mãos demarcam possibilidades interpretativas, elas estão ao topo da cabeça por possibilitar o desenvolvimento pessoal das pessoas surdas ao descobrirem a comunidade surda e a língua de sinais. A flor na orelha pode nos remeter à imagem da surdez de forma positiva, com orgulho e enquanto florescimento, próximo ao que acontece com a personagem Ana quando tem contato com a língua de sinais e um mundo novo se abre para ela. Um mundo que não é um mistério, mas que ela pode entender e onde pode ser entendida.

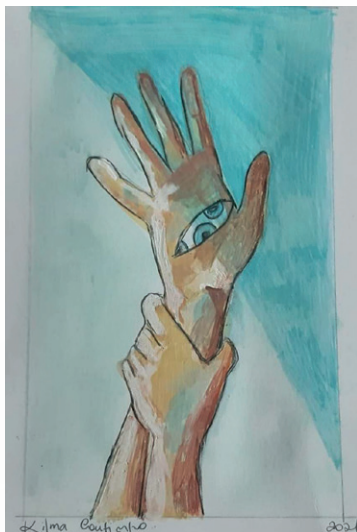
Figura 6 – Obra sem título de Kilma Coutinho



Fonte: Coutinho (2022).

Kilma Coutinho, artista surda pernambucana. A artista, desde bem pequena, enveredou pelas artes, pois desde os 5 anos de idade brinca de desenhar. Ela afirma: “[...] minha vida há muito tempo é arte; minha naturalidade é arte, meu dom é arte. Mas porque é diferente a arte surda? Porque é minha cultura. A arte das mãos, as flores saindo das orelhas, isso é a representatividade surda.” (Coutinho, 2021a, online). Como ela, temos diversos surdos artistas em todo o país e no mundo que representam em suas artes a cultura e a representatividade surda.

Figura 7 – Olho, mão, conceito visão de Kilma Coutinho



Fonte: Coutinho (2021b).

Como podemos perceber nas Figuras 7 e 8, ilustrações de autoria de Kilma Coutinho, as mãos passam a ser mais do que apenas mãos e sob uma outra perspectiva a condição física é ressignificada. Por meio dos olhos é possível ouvir, por meio das mãos, do movimento do corpo, das expressões do rosto, todas associadas permitem a comunicação, expressão. Corroborando com o que a autora surda Laborit afirma.

Os outros ouvem, eu não. Mas tenho olhos, que forçosamente observam melhor do que os deles. Tenho as minhas mãos que falam [...] Os que ouvem têm tudo a aprender com aqueles que falam com o corpo. A riqueza da sua língua gestual é um dos tesouros da humanidade. (Laborit, 1994 apud Mourão, 2011, p. 34).

O corpo surdo representado nas obras de Kilma Coutinho associa as mãos à comunicação e à informação. Nas suas ilustrações vemos a flor atravessando os ouvidos da mulher representada, mas por que a flor está exatamente nos ouvidos? A imagem da flor mostra que aquela mulher não escuta com os ouvidos, mas isso se distancia completamente de uma ideia de que ela não se comunica. A surdez enquanto marca de toda uma cultura própria não é motivo de entristecimento da

pessoa, e sim a faz orgulhosa de sua língua, de sua identidade e de sua cultura. O corpo surdo é reverenciado.

Associa-se a metáfora que os surdos são como árvores e seu caule é sustentado por elementos que compõem suas raízes: a comunidade, a identidade e a cultura surda, que constituem a subjetividade de cada indivíduo em sua especificidade, como aquela apresentada na história de Ana em Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras e nas obras de Kilma Coutinho. Esse entrelaçar constitui a comunidade surda, representada na Figura 9, em que cada indivíduo surdo em sua especificidade e em ligação com outros indivíduos, sejam eles surdos ou não surdos, constitui-se uma árvore formando uma imensa floresta de olhos despertos.

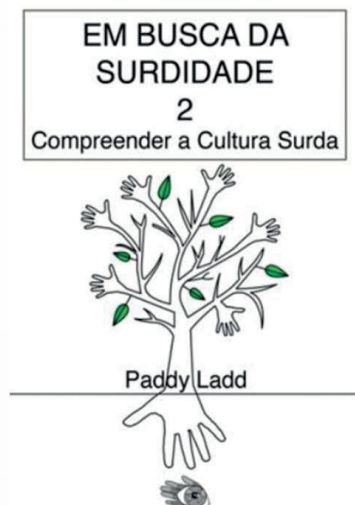
Figura 8 – O despertar das árvores dos olhos



Fonte: Scearce (2014, online).

A metáfora em que os surdos são como árvores e são sustentados por raízes composta pela comunidade, a identidade e a cultura surda é defendida com o conceito de Surdidade ou Deafhood, proposto por Paddy Ladd em sua obra “Em busca da Surdidade 2: compreender a Cultura Surda” (Figura 10). Afirma-se que seria um “processo através do qual uma pessoa descobre e desenvolve uma identidade surda como um membro de uma coletividade visual.” (Mindess apud Sutton-Spence, 2006, p. 114).

Figura 9 – Capa de livro com árvore como metáfora para cultura surda



Fonte: Porsinal (2018, online).

Para Sutton-Spence (2006), a produção de um folclore surdo, ou seja, contações, piadas, que compõem as artes e a Literatura Surda, é ao mesmo tempo a “produção” de raízes surdas. As autoras ressaltam que “[...] simplesmente pelo uso da língua, ou pela expressão de determinadas ideias e significados que se fortalecem pela instrução, pela inspiração ou pela celebração.” (Sutton-Spence, 2006, p. 115). E, por meio da arte e do uso criativo das línguas de sinais, tornam-se um “ato de empoderamento [...] para um grupo linguístico minoritário oprimido” (Ladd apud Sutton-Spence, 2006, p. 115).

A comunidade surda é onde o povo surdo está, não sendo definida, portanto, pela delimitação física/espacial. Ela representa a interligação entre indivíduos em função da relação linguística, em que a língua de sinais os aproxima, gerando conforto afetivo. Assim, o uso da Libras marca a cultura e identidade dessa comunidade, bem como pelos movimentos sociais, pelas ações de cunho político, pelo reconhecimento e pela valorização da língua de sinais. Espera-se que esta pesquisa amplie o olhar dos leitores que desconhecem o tema e para aqueles que ainda não estão inseridos na comunidade surda, espera-se que os acolha, assim como a comunidade surda faz com seus pares. Como também torcemos que mais pesquisas sejam realizadas, possibilitando a disseminação da cultura surda para que alcance toda a sociedade.

Nesse contexto, as associações de surdos são espaços ricos da heterogeneidade de pessoas sinalizantes, seja no plano linguístico, quanto histórico e cultural. Estar em contato com essa diversidade impacta diretamente na sinalização de quem interage com esse universo. É comum que surdos relatem que começaram a aprender língua de sinais nessas associações, o que contribui para iniciação ou para ampliação do repertório linguístico desses sujeitos. Cada pessoa que por lá circula é única, traz consigo experiências e vivências diferentes. Logo, a associação de surdos é um local de encontros, socialização, aprendizado formal e informal, ou seja, lá são encontradas inúmeras identidades surdas.

Metaforicamente falando, os surdos são como árvores, sendo seu caule sustentado por raízes compostas pela: comunidade, identidade e cultura surda. Esse rizoma multi-identitário é a comunidade surda, representada por cada indivíduo surdo em sua especificidade e em ligação com outros indivíduos, sejam eles surdos ou não surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise, busquei aproximações da obra *A vida íntima de Laura* com as experiências das pessoas surdas e a cultura surda, visto que, assim como Laura, as pessoas surdas passam por estigmatização, no caso das pessoas surdas devido a sua condição de “não ouvir com os ouvidos” e com isso passam por diversas dificuldades, como as barreiras de comunicação devido ao desconhecimento das línguas de sinais.

A história de Laura contada no livro é um aprendizado sobre como lutar pela existência, pela felicidade e conseguir uma vida simples e ao mesmo tempo emocionante, conseqüentemente podemos refletir que esta obra é importante pela possibilidade de gerar nas crianças surdas este contato e entenderem como perceber e valorizar suas especificidades que as fazem únicas, mesmo que os outros não as vejam de uma forma positiva.

A importância da Literatura Surda se dá pela possibilidade de expressão e entretenimento, como também se revela um espaço em que, associando o prazer e a informação, é possível dar visibilidade às vivências das pessoas surdas como algo positivo.

Na comunidade surda, há diversos artistas surdos e surdas que representam o orgulho surdo por meio de suas obras, a artista surda Kilma Coutinho é uma delas.

Ela traz as mãos em suas obras, a flor atravessando os ouvidos, o olho na mão como elementos que evidenciam as possibilidades da língua de sinais, das identidades surdas e da experiência em comunidade. A experiência visual da língua é ressaltada, as mãos, o movimento do corpo e as expressões faciais são elementos de comunicação e expressão por meio das línguas de sinais.

As identidades surdas, comunidades e culturas surdas compõem uma grande floresta, em que a metáfora da árvore e das raízes surdas são compostas pela grande riqueza que é e pode ser uma comunidade que resiste, se expressa e comunica-se pela visualidade das línguas de sinais, é por meio dela que se floresce, e que se luta e busca entender e relacionar-se com uma sociedade de “bocas mexedeiras”.

Gostaria de ressaltar que o processo de aprendizado com esta pesquisa e com o processo de aprendizado com o mestrado significou para mim como um salto. Enquanto professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas, nas disciplinas que ministro, como as de Escrita de Sinais, Literatura, e outras, torna-se relevante levar o aprendizado com este percurso de formação e pesquisa para minha experiência de docência, em sala de aula, principalmente ao ensinar Libras para alunos ouvintes, que estão ávidos por conhecerem a comunidade surda e a língua de sinais, como também, no curso de Letras Libras. Espero continuar incentivando meus alunos a obterem uma melhor formação e terem uma atuação de qualidade como professores, inclusive de Libras. Com o intuito de estimular que mais profissionais se formem como professores de Libras, e que esse aprimoramento aconteça por todo o país.

Anseio também de que, com este e outros futuros trabalhos, o respeito à LÍNGUA DE SINAIS seja estimulado, principalmente, levando em conta as expressões artísticas e da Literatura Surda para uma maior difusão de um modo vida expresso por meio da Cultura Surda.

REFERÊNCIAS

AMAZON. A vida íntima de Laura. **Amazon.com**. online. 2022. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/vida-%C3%ADntima-Laura-Clarice-Lispector-ebook/dp/B0155EQGDA>. Acesso em: 18 nov. 2023.

AMIN, Maria Aparecida de Oliveira *et al.* **Um mistério a resolver**: o mundo das bocas mexedeiras. [s. l.]: LSB Vídeo, 2008.

COUTINHO, Kilma. Sem título. Giz pastel oleoso sobre papel croquis; dimensão: 27,9 cm x 42 cm. Kilma coutinho Arte surda. **Instagram**. online. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cby02_ypUvS/. Acesso em: 19 jul. 2022.

COUTINHO, Kilma. Kilma Coutinho. **InspirArte**. online. 2021a. Disponível em: <http://www.inspirarte.art.br/artista/Kilcout/perfil>. Acesso em: 19 jul. 2022.

COUTINHO, Kilma. Olho, Mão, Conceito Visão. **InspirArte**. online. 2021b. Disponível em: <http://www.inspirarte.art.br/post/72504>. Acesso em: 19 jul. 2022.

DIZEU, L. C. T. de B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LScdWL65Vmp8xSDKJ9rNyNk/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LISPECTOR, Clarice. A vida íntima de Laura. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MACHADO, F. de A. **Simetria na poética visual na Língua de Sinais Brasileira**. 2013. 146 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2013.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura surda: experiências das mãos literárias**. 2016. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151708/001012805.pdf?seque>. Acesso em: 18 nov. 2023.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais**. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/32311> Acesso em: 18 nov. 2023.

NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. Psicologia social, representações sociais e métodos. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 8, n. 3, p. 287-299, 2000.

PORSINAL. Em Busca da Surdidade 2: Compreender a Cultura Surda. Biblioteca. Categorias. Livros. **porsinal.pt**. online. 2018. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=biblioteca&idt=liv&cat=31&idbib=1072>. Acesso em: 18 nov. 2023.

RODRIGUES, Stephanie. Centenário de Clarice Lispector: conheça a trajetória da escritora. Pop & Arte. **G1.globo.com**. online. 10 dez. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/stories/2020/12/10/centenario-de-clarice-lispector-conheca-a-trajetoria-da-escritora.ghtml>. Acesso em: 14 maio 2022.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago., 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200013>.

SCEARCE, Paul. The awakening trees of eyeth. ilustração digital. online. **cultura-surda.net**. 2014. Disponível em: <https://culturasurda.net/2014/06/20/paul-scearce/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Dimensão, 1998.

STROBEL, Karin L. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. **ETD - Educação Temática Digital, Campinas**, SP, v. 7, n. 2, p. 245-254, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/806>.. Acesso em: 18 nov. 2023.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller de. **Estudos Surdos I**. Petrópolis RJ: Arara Azul, 2006. p. 110-165.